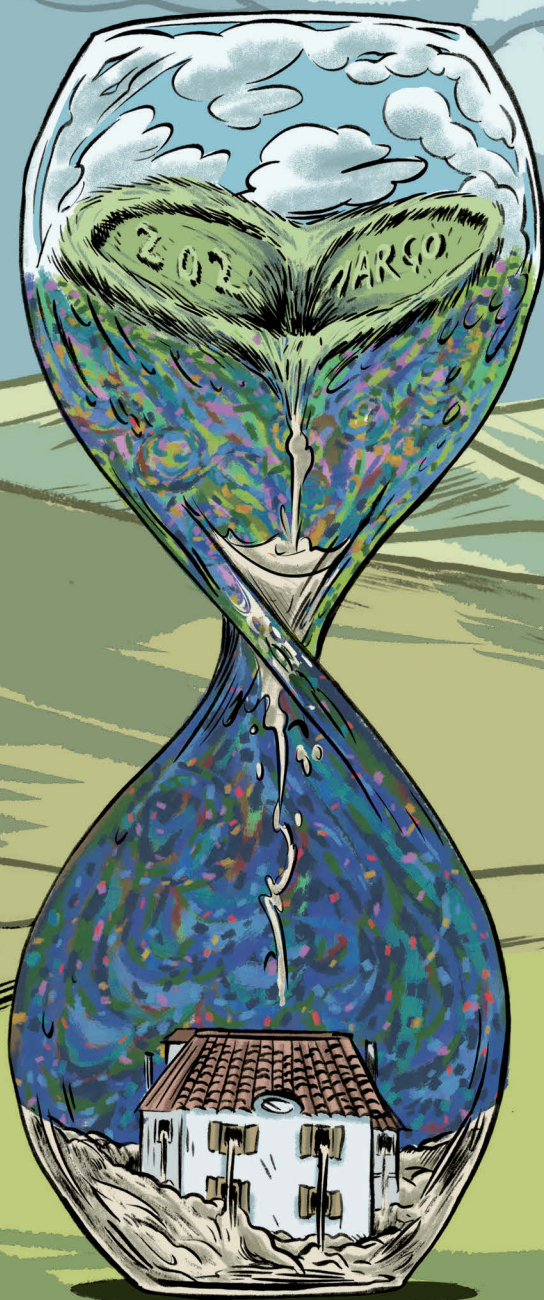


# TEMPO

Em busca da felicidade perdida



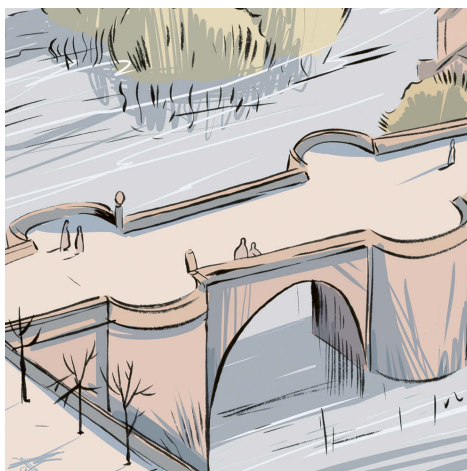
IGUANA

Jorge Pinto  
Evandro Renan  
Talita Nozomi

*Para a Elvira e para o Rui.  
Pelo passado, pelo presente e pelo futuro.*  
J. P.

*Para o Badó,  
que me acolhe em todos os meus delírios.*  
T. N.

*Para a Najla,  
por compreender o meu Tempo.*  
E. R.



«Para os navegantes com vontade de vento,  
a memória é um ponto de partida.»  
Eduardo Galeano, *As Palavras Andantes*

# Prefácio

O calendário desta história existe de verdade. Ou existiu, durante largos anos, no coração do Parque Florestal de Amarante. Hoje, no mesmo local, resta apenas uma mancha de terra lisa, coberta de flores nascidas da raiz do tempo que se tenta apagar. Passei pelo calendário dezenas, possivelmente centenas de vezes. Fascinado por ele, divagava daquele modo que apenas o cérebro infantil consegue; afinal, quem teria tido a ideia — magnífica, por certo — de inventar um calendário feito de pequenos arbustos que, na sua geométrica organização, iam sendo ordenados de forma distinta a cada dia, dando conta do tempo que passa?

Este era, aparentemente, um esforço inglório, uma vez que aquela nova organização duraria apenas umas horas, até à manhã seguinte, quando a terra seria novamente revolvida e os arbustos, com a sua base retangular, novamente colocados de modo a dialogar connosco. Não só o calendário nos dizia a data, como ainda acrescentava, numa redundância que me parecia absurda (quem não saberia onde estava quando para ele olhasse?), a localidade: «Amarante, dia, mês, ano.»

Hoje, percebo melhor essa aparente redundância. É impossível pensar o tempo sem pensar o espaço. E um calendário de arbustos que se situe em Amarante, mas que indique apenas a data, não é o mesmo que um calendário de arbustos que se situe em Amarante e indique a data e também que se está em Amarante. O tempo, assim enraizado, ganha uma dimensão física, palpável, viva, que é preciso localizar e ancorar. Hoje é hoje, o aqui é aqui. Tempo e espaço.

Aborto, fixando o calendário, deambulava pelas questões que este me despertava. O que aconteceria se, durante todo um dia, ninguém, nem

uma única pessoa, olhasse para o calendário? Ou, pior, o que aconteceria se, por erro ou por intenção, a data fosse diferente daquela que marcavam todos os outros calendários? Trago essa questão comigo há trinta anos.

Nesta história, e sem entrar em demasiados detalhes ou forçar uma leitura única que se quer evitar, recuperamos o calendário e imaginamos o que poderia ocorrer se tal cenário acontecesse. Pode o tempo passado tornar-se presente? Pode o tempo passado ser presente? Se é verdade que o tempo não para nem quando estamos a dormir, também o é o facto de o tempo que passou continuar a existir. Um minuto vivido no presente continuará a ser um minuto vivido dez, vinte ou trinta anos depois. É aí que entra a memória; esse minuto do passado pode tornar-se um minuto do presente se pararmos para reviver tudo o que então sentimos, se conseguirmos replicar mentalmente esse minuto vivido.

# Tempo e memória

No filme *De Olhos Abertos*, do realizador Alejandro Amenábar, essa ligação entre tempo e memória é sublimemente explorada. Numa cena passada numa prisão psiquiátrica onde estava detido César, a personagem principal que se debatia para perceber o que era real e o que era imaginado, este dialoga com o seu psiquiatra. Recordando um sonho, o psiquiatra pergunta a César se naqueles momentos ali recordados havia sido feliz. César, desesperado e desesperançado, desafia o clínico, perguntando para que é que interessa saber se havia sido feliz. E acrescenta: «Agora, a única coisa que posso fazer é comer, cagar, dormir e sonhar com as minhas recordações.» Calmamente, o psiquiatra contrapõe: «É bom que recordes.»

A memória tem um poder extraordinário. Não é por acaso que tememos em partes iguais a morte e a perda de memória. Não poder recordar, não sermos capazes de rever, de reviver, é deixar de ser. Poderosa espada de Dâmocles precariamente suspensa, a memória atinge-nos de forma incontrolada. Lembrar um amor não correspondido pode estragar um primeiro encontro; a recordação de um familiar ou amigo morto atinge-nos quando menos esperamos, trazendo para o presente uma dura memória do passado. O presente feito passado, o passado tornando-se presente. Eis o poder da memória que nem sequer a morte consegue enfrentar.

Fazer do passado presente também nos pode salvar. No meio de uma crise, presos num fundo buraco de escuridão, há momentos em que apenas uma boa recordação nos aparece como um longo braço que nos ajuda a regressar à superfície. Às vezes basta um cheiro, um sabor, uma brisa, uma mirada, uma qualquer madalena de Proust para nos evadir do presente e trazer-nos ao passado, a um passado no qual fomos felizes.

Mas o que dizer dos que, como as anónimas, porque universais, personagens desta história, só conseguem ser felizes no passado? Como enfrentar um presente que os agasta, que reforça apenas a dureza de uma vida que gostariam de evitar? Dois cenários podem ser esquiçados. Por um lado, recusando um presente de tristeza, o indivíduo pode ir ativamente à procura de um futuro que lhe dê a felicidade tal como a concebe — ou algo que disso se aproxime. Este é um caminho arriscado, não só porque exige um grande esforço, como também porque os resultados não podem ser conhecidos de antemão. A luta aguerrida por um futuro melhor do que o presente pode ser coroada de êxito, compensando o tempo nela investido, mas podemos falhar e o tempo que encolheu o nosso presente possível foi gasto futilmente.

Por outro lado, aqueles que são privilegiados o suficiente para ter memórias de um passado em que foram felizes podem optar por viver nessa felicidade. Recusando novos trilhos, agarramo-nos ao passado, a uma época, a um ínfimo instante se tiver de ser, em que fomos felizes. E aí vivemos, imunes à realidade que nos rodeia, presos numa memória que nos concretiza. Uma prisão de felicidade será por isso menos claustrofóbica?

É neste equilíbrio entre possível desistência do futuro e luta por um presente ao nível do passado que esta história se desenvolve.

Como o *Pobre Tolo* de Teixeira de Pascoes, imóvel no meio da ponte de São Gonçalo — aqui representada na página 52 —, divagamos entre passado, presente e futuro. Sugados pela memória, transfiguramo-nos:

«Desapareço na escuridão interior. Um velho espectro me domina; adapta-se ao meu ser. Transfiguro-me, desconheço-me, não sou eu. Sou outra alma que revive; uma lembrança minha acordada com tal força, que se apodera de mim absolutamente. Sou ela e mais ninguém! Sou uma lembrança que revive, em carne e osso; revive, dissipa as brumas do Passado, e aparece de novo, sobre a Terra e no mesmo lugar que eu ocupava. Não sou eu; sou ela que a si mesma se observa e reconhece. Sou uma alma de outros tempos. Esquecido dos vivos, lembrei-me de mim, ressuscitei!

(...)

O tolo existe e vive. Existe e, portanto, adora a realidade; e, porque vive, adora o sonho.»

A minha relação com o tempo é de respeitoso pânico. Desde que há uns anos li a passagem de Albert Camus que abre esta banda desenhada, oiço em permanência o ruído da areia que cai numa enorme ampulheta. Como um incómodo tinido que por vezes conseguimos olvidar, apenas para que regresse mais forte, mais intrusivo, mais alarmista sobre tudo o que estamos a deixar por fazer. Talvez ajude aceitar a temporalidade do efémero, abraçar o *mono no aware* japonês e aceitar a tristeza das coisas passageiras, como é efémero tudo aquilo que vivemos.

Tenho na minha sala uma foto de grandes dimensões de Massao Mascaró. Parte do trabalho *Sub Sole*, onde o fotógrafo francês segue os passos de Ulisses, recriando a sua mítica *Odisséia*, a imagem capta um relógio solar. De pé, encostado a uma parede, e sem qualquer ponteiro, a parte baixa do relógio está já tapada por ervas selvagens que ali



crescem. Desde o primeiro momento em que a vi, soube que teria de ter aquela imagem no mais destacado lugar de minha casa, assegurando que por ela passaria várias vezes ao longo do dia. Ali se representa, de forma imutável e estanque, o permanente conflito do tempo.

Primeiro, um relógio que não serve como tal: sem ponteiro e sem estar numa posição que permita à sombra indicar a hora tal como nós, os humanos, a concebemos. Segundo, por ser uma foto de um instrumento que nos coloca no tempo e que, como tal, estará sempre desfasada a partir do momento em que o obturador se feche. Um relógio duplamente inútil, como que insistindo na sua recusa de permitir que o tempo passe. Mas este avança, inexorável, como as ervas que vão crescendo e ocupando o espaço que antes era apenas do relógio fazem questão de afirmar. O tempo. O tempo que nunca conseguiremos parar.

É desse tempo que não para que falamos neste livro. Esta é uma história sobre o tempo, sobre aqueles que só conseguem ser felizes no passado e que, além de lembrar, precisam de *desesquecer*. Talvez hoje, mais do que nunca, precisemos de um calendário que nos coloque no tempo e no espaço; um calendário palpável, vivo, que nos permita recordar o passado, viver o presente e preparar o futuro, e que reafirme a nossa ligação à terra, à qual fatalmente regressaremos. Voltando ao *Pobre Tolo* de Pascoaes, talvez este seja o momento de ligar o tempo à memória: «Vivo, porque espero. Lembro-me, logo existo.»

*Jorge Pinto*



«Do mesmo modo e em relação a todos os dias de uma vida sem lustro, o tempo carrega-nos. Mas chega sempre um momento em que somos nós a ter de carregá-lo. Vivemos sobre o futuro: “amanhã”, “mais tarde”, “quando tivermos uma boa situação”, “com a idade hás de compreender”. Estas inconseqüências são admiráveis, porque no fim trata-se de morrer. Chega um dia, no entanto, e o homem constata ou diz que tem trinta anos. Afirma assim a sua juventude. Mas, nesse gesto, ele situa-se em relação ao tempo. Ocupa o seu lugar. Reconhece que está num determinado momento de uma curva que confessa dever percorrer. Ele pertence ao tempo e, nesse horror que o prende, reconhece o seu pior inimigo. Amanhã, ele desejava o amanhã, quando todo o seu ser deveria recusá-lo. Esta revolta da carne é o absurdo.»

Albert Camus, *O Mito de Sísifo*



«A minha relação com o tempo é de respeitoso pânico. Desde que há uns anos li a passagem de Albert Camus que abre esta banda desenhada, oiço em permanência o ruído da areia que cai numa enorme ampulheta. Como um incómodo tinido que por vezes conseguimos olvidar, apenas para que regresse mais forte, mais intrusivo, mais alarmista sobre tudo o que estamos a deixar por fazer.»

Esta é uma história sobre o tempo, o tempo que não para, sobre aqueles que só conseguem ser felizes no passado e que, além de lembrar, precisam de *desesquecer*. Uma história sobre um homem que todos os dias atualiza um calendário feito de pequenos arbustos, um homem que se castiga e cumpre uma penitência autoimposta, esquecido pelo seus, por um crime accidental. Um livro sobre solidão, amor e o imparável avanço dos ponteiros do relógio.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN 9789897871719



9 789897 871719 >